



RESENHA

MANUAIS PARA MATAR UMA DEMOCRACIA: UMA RESENHA DE *COMO AS DEMOCRACIAS MORREM*, DE STEVEN LEVITSKY E DANIEL ZIBLATT E *COMO A DEMOCRACIA CHEGA AO FIM*, DE DAVID RUNCIMAN

Sergio Schargel

Diversos livros têm sido lançados sobre a onda iliberal que varreu o mundo na última década. Pouco se tem debatido tanto na ciência política, e nas ciências humanas em geral, quanto a recessão democrática mundial. A atenção é tanta, que dois livros com praticamente o mesmo título e ideias foram lançados com um espaço de pouco mais de seis meses: *Como a democracia chega ao fim*, de David Runciman; e *Como as democracias morrem*, de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt.

Tanto o livro de Runciman quanto o de Levitsky e Ziblatt defendem a mesma ideia: a democracia, em recessão global pelo décimo quarto ano consecutivo (Freedom House, 2020), está sendo destruída gradualmente por governos populistas, para não dizer fascistas. Se antigamente a morte da democracia se dava através de uma ruptura violenta, e era visível quando chegava ao fim, agora ela é lentamente devorada, de dentro para fora, através dela própria (Levitsky e Ziblatt, 2018, p. 15). Como uma cobra devorando seu próprio rabo, os anti-democráticos se utilizam das instituições democráticas para corroê-la.

Ambos os livros, porém, tendem a curiosamente ignorar que esse processo de capturar as instituições democráticas para utilizá-las contra a própria democracia não é novo. De uma forma ou de outra, populistas do passado também se apoiaram na mesma estratégia. Tanto Hitler quanto Mussolini, importante lembrar, chegaram

¹ Mestrado em Literatura (PUC-Rio); Mestrado em Ciência Política (Unirio). Contato: sergioschargel_maia@hotmail.com.

ao poder pelas vias legais. E, principalmente Mussolini, engendrou um processo lento de desdemocratização, se tornando progressivamente mais autoritário. O ex-ditador italiano afirmava inclusive que o processo de tomada de poder deveria ser lento e discreto, como depenar uma galinha pena por pena (Albright, 2018, p. 124) Pertinente então questionar se este processo gradual de corrosão da democracia a partir da própria é, de fato, novo.

Há, porém, ao menos uma diferença significativa entre as duas obras: a forma com que tratam a democracia em si. Enquanto Levitsky e Ziblatt assumem a democracia como absoluta, isto é, como a única forma aceitável de governo, Runciman discute em sua obra alternativas como a epistocracia e o capitalismo autoritário chinês. Além disso, Runciman, ao contrário dos outros dois teóricos estadunidenses, entende os populistas autoritários não como a causa da crise da democracia, mas como o efeito. Para o inglês, o Facebook, o Google e outros conglomerados digitais são muito mais nocivos à democracia do que os populistas autoritários, que sempre existiram. Em tempos de escândalos de manipulação democrática como o da Cambridge Analytica, essa linha de pensamento é pertinente.

Permeando toda as suas obras, mas mais presente em *Como as democracias morrem*, está a discussão dos impactos da polarização sobre a democracia. Conforme os autores apontam, certo nível de polarização é inevitável e necessário à democracia, dado que ela surge não do consenso, mas do dissenso. A capacidade, a habilidade e a possibilidade de dois atores discordarem em campos fundamentais é a força-motriz essencial de um regime democrático. Entretanto, como Levitsky e Ziblatt apontam (2018, p. 15), o problema começa quando os atores deixam de se enxergar como adversários, e passam a tomar o outro como um inimigo que precisa, a qualquer custo, ser destruído. A morte do respeito entre grupos políticos adversários é um veneno que lentamente mata as instituições democráticas. Robert Dahl (2005, p. 111), em *Poliarquia*, já havia apontado que “qualquer sistema está em perigo se ficar polarizado entre diversos grupos fortemente antagônicos. Confrontados com uma polarização aguda, os regimes competitivos tendem ao colapso, ao golpe de Estado, à guerra civil”. Um dos primeiros sinais de uma democracia envenenada é o crescimento da polarização.

Outro ponto que Levitsky e Ziblatt ignoram, e que Runciman discute apenas superficialmente, é a relação entre estabilidade democrática e PIB per capita. Conforme Yascha Mounk (2018, p. 12) e, principalmente, Przeworski et al (1997), ao que aparenta, democracias se tornam inexpugnáveis a partir do momento que atingem um PIB acima de 6000 dólares, taxa equivalente a da Argentina quando se tornou uma ditadura em 1976. Líderes como Trump são certamente autoritários, porém, a não ser que aconteça uma ruptura com a relação renda per capita e democracia, ou uma grande crise que reduza a renda consideravelmente, democracias estáveis como os Estados Unidos tendem a se manter como democracias, a despeito de sua crescente polarização. Tudo depende, também, da própria concepção de democracia: “novas” concepções de autoritarismo, como Hungria e Rússia, que mantêm um véu de democracia disfarçando um governo autoritário, estão acima do PIB limite e parecem contradizer a tese.

Entretanto, talvez o maior problema das duas obras, uma questão que se repete com frequência entre pensadores do norte, é o malabarismo intelectual para evitar a utilização do conceito de fascismo. Na tentativa de não usar a palavra proibida, tanto Levitski e Zibblat quanto Runciman insistem na retórica liberal da tese da ferradura, que sugere que a esquerda e a direita são iguais em lados opostos. O paradoxal é que esses autores falem de Mussolini e Hitler em seus respectivos livros e, ao mesmo tempo em que apontam semelhanças nos movimentos anti-democráticos, rechaçam a ideia de que há um fascismo sob novas roupagens, insistindo com um conceito elitista e de significativo vazio, conforme Laclau (2005, p. 69), como populismo. Uma ideia que implica que um povo é sempre um fantoche, incapaz de decisões e pensamento próprio. Guilherme Simões dos Reis, sobre essa falsa simetria, fala que:

Enquanto a extrema direita cresce em diferentes partes do mundo, baseando-se em preconceitos, na falta de solidariedade, no ataque aos direitos, no ódio e no medo, são acusados de ser semelhantes a esse neofascismo todos os projetos radicais que pensem seriamente em alternativas ao capitalismo e em como manter os direitos e buscar a igualdade. Assim, todos seriam populistas, exceto aqueles que defendem a «responsável» manutenção do status quo, com a máxima liberdade para os investidores, mesmo que o bem-estar diminua e que os direitos sejam cortados. (REIS, 2019)

Como as democracias morrem e Como a democracia chega ao fim são bons livros, dialogam tanto com o público leigo, interessado em absorver informações sobre a crise democrática global, quanto com o público especializado. Ambos empregam uma linguagem acessível para tratar de temas e pontos complexos. Não são, ao contrário de como vendem - em particular o livro de Levitsky e Ziblatt - obras inovadoras. As mesmas ideias são encontradas em diversos outros livros, alguns que antecedem inclusive a recessão democrática global, como trabalhos Chantal Mouffe (2006) e Ernesto Laclau (2005). Alguns de seus defeitos também se repetem de outras obras, em particular o discurso que demoniza a noção de populismo, impõe uma visão elitista de democracia e rejeita outros conceitos. Tratar a extrema-direita como um populismo irresponsável é tomá-la de forma leviana e, em última instância, contribui para o esvaziamento democrático que os autores se propuseram a combater.

Referências bibliográficas

- ALBRIGHT, Madeleine (2018). Fascismo: um alerta. São Paulo: Planeta.
- DAHL, Robert (2005). Poliarquia: participação e oposição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- FREEDOM House (2020). New report: Freedom in the world 2020 finds established democracies are in decline [online]. Disponível em: <https://freedomhouse.org/article/new-report-freedom-world-2020-finds-established-democracies-are-decline>. Acessado em 06 jul. 2020.
- LACLAU, Ernesto (2005). On populist reason. Londres: Verso.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel (2018). Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar.
- MOUFFE, Chantal (2006). “Por um modelo agonístico de democracia”. Revista de sociologia política, n. 25, p. 165-175.
- MOUNK, Yascha (2018). El pueblo contra la democracia: por qué nuestra libertad está em peligro y cómo salvarla. Espasa Libros: Barcelona.
- PRZEWORSKI, Adam et al (1997). “O que mantém as democracias?”. Lua Nova, n. 40-41, p. 113-135.
- REIS, Guilherme Simões (2019). Pela democracia, precisamos jogar fora o termo ‘populismo’. La libertad de pluma. Disponível em: <http://lalibertaddepluma.org/guilherme-simoes-reis-por-la-democracia-necesitamos-echar-el-termino-populismo-a-la-basura/>. Acesso em 19 set. 2020.
- RUNCIMAN, David (2018). Como a democracia chega ao fim. São Paulo: Todavía.



Recebido em janeiro de 2021

Aceito para publicação em janeiro de 2021